

SIMENON



AS JANELAS DEFRENTE



cavalo de ferro

PREFÁCIO

Nunca escrevi um prefácio, pois considero-me um artífice e acredito que um objecto, ou um romance, pode ser conseguido ou falhado.

Infelizmente, envelhecemos, e, com a idade, ganhamos experiência, embora hoje em dia, depois de ter visto algumas das minhas personagens a virarem-se contra mim e a levarem-me a tribunal, adopte algumas precauções antes de pôr novas em circulação.

Os vizinhos de *As Janelas Defronte* vivem em Batúmi, o porto russo¹ do petróleo. Não apenas me recorde disso como, depois de semanas de esmagamento soviético², subsiste em mim o tique de me assegurar, antes de comer uma planturosa refeição, de que ninguém me espia lá de fora.

Os vizinhos de *As Janelas Defronte* existem, todos, sem excepção, pois nunca fui capaz de inventar uma personagem, nem um cenário, nem sequer uma aventura.

1 Em rigor, deveria estar soviético e não russo, pois na época da publicação do romance, Batúmi pertencia à União Soviética. Hoje em dia é uma cidade da Geórgia. (N. do E.)

2 O autor estará a referir-se nomeadamente à imposição soviética de uma cota de exportação de cereais pela Ucrânia (1932-1933) que resultou na morte de cerca de sete milhões de ucranianos; ficou conhecida como Holodomor (morte pela fome, em ucraniano). (N. do E.)

O apartamento do bei Adil existe, e o quarto de Sonia, e o palacete dos Pendelli, as zonas de banho cercadas por arame farpado, o Lenine de bronze e o edifício dos clubes. John existe... Nejlá também...

Tal como os milhares de personagens que arrasto atrás de mim em não sei quantos livros. Sinceramente, a não ser que eu fosse Deus, como é que me ia pôr a criar toda esta gente?

Simplesmente, não existem tal como surgem nas minhas histórias, no lugar onde as coloco, com esta profissão, aquela nacionalidade, nem mesmo com este nariz ou aquele chapéu. No meu romance, o bei Adil é turco, Amar é persa, Pendelli é italiano. Adoro os turcos, entre os quais acabo de viver durante algumas semanas, não tenho nada contra os persas e os meus melhores amigos estão em Itália.

Em Istambul, dir-me-ão: «Mas porque escolheu um turco?»

Porquê? Ora bem! Primeiro, porque é necessário que um cônsul seja um cônsul de um país. Depois, porque, noutra sítio, no norte da Rússia, encontrei esse cônsul, ou um parecido. E ainda porque...

Sobretudo porque é assim. Compreendem? Não discutimos connosco próprios. Não nos questionamos: «Será turco, grego ou romeno?»

Ele nasce turco na vossa cabeça, com um nome, um rosto, um estado civil, tal como se nasce turco em Ancara. A desgraça é haver dez beis Adil que se reconhecem, todos aqueles a quem se tirou alguma coisa e até outros que nunca se viram.

Escrevi um romance. Batúmi é verdadeiro. As pessoas são verdadeiras. A história é verdadeira. Ou melhor, cada detalhe é verdadeiro, mas o conjunto é falso...

Não! O conjunto é verdadeiro e cada detalhe é falso...

Também não é isso que quero dizer. É um romance, pronto! Não devia bastar essa frase?

E, da minha parte, prefiro escrevê-lo a explicá-lo.

Georges Simenon

1

– Olha! Há pão branco!

Entravam os dois persas no salão, o cônsul e a mulher, e era esta quem se extasiava diante da mesa coberta de sanduíches agradavelmente preparadas.

Ora, ainda nem há um minuto, diziam ao bei Adil:

– Só existem três consulados em Batúmi: o seu, o da Pérsia e o nosso. Mas os persas são infrequentáveis.

Era a Sra. Pendelli quem assim falava, a mulher do cônsul de Itália, e este, refastelado numa poltrona, fumava um cigarro fininho, de ponta rosada. As duas mulheres encontraram-se com um sorriso no meio do salão, no momento exacto em que uns sons, que até aí não haviam sido mais do que um vago rumor na cidade soalheira, se amplificavam e de súbito, na esquina, rebentavam numa fanfarra.

Então, toda a gente foi até à varanda para ver o cortejo.

Apenas o bei Adil era novo ali, tão novo que chegara a Batúmi nessa mesma manhã. No consulado da Turquia, encontrara-se com um funcionário vindo de Tiblíssi, para auxiliar na substituição interina.

Esse funcionário, que tornaria a partir nessa noite, levava o bei Adil aos italianos, para o apresentar aos seus dois colegas.

A música continuava a intensificar-se. Viam-se instrumentos de cobre a progredir sob o sol. Talvez não tocassem uma melodia divertida, mas era ainda assim uma melodia alegre, que punha tudo a vibrar, o ar, as casas, a cidade.

O bei Adil reparou que o cônsul da Pérsia se juntara, perto da lareira, ao funcionário de Tiblíssi, e que ambos conversavam a meia-voz.

Depois, prestou atenção ao cortejo, pois distinguiu, atrás da fanfarra, um caixão pintado de vermelho-vivo, o qual era carregado em ombros por seis homens.

– É um funeral? – perguntou ingenuamente, virando-se para a Sra. Pendelli.

Esta comprimiu os lábios para não se rir, de tal modo ele estava aturdido.

Era um funeral, o primeiro funeral que o bei Adil via na URSS. Os homens da fanfarra estavam vestidos como os membros de um clube de ginástica, de branco, com alpercatas nos pés e uma larga roseta vermelha no lado do coração. O caixão estava mal aplainado, mal pintado, de um vermelho ofuscante.

Quanto às pessoas que seguiam atrás, faziam-no como se segue uma banda. Havia quem fosse em mangas de camisa, com camisolos de lã, mulheres com vestidos de algodão branco, de pernas nuas, apenas dois homens de fato e gravata, oficiais, provavelmente, muitos crânios rapados e, na última fila, um homem, montado numa bela e nova bicicleta, fazia ziguezagues para não perder o equilíbrio e, de tempos a tempos, apoiava a mão no ombro de uma rapariga.

No momento em que passavam à frente do consulado, todos levantavam a cabeça e olhavam para os estrangeiros na varanda.

– Que estarão a pensar? – murmurou o bei Adil.

A persa, que ouvira, replicou cinicamente:

– Que vamos comer pão branco!

Ria-se. Os homens que desfilavam, na rua, viam-na rir-se. O seu rosto não mudava de expressão. Eles passavam. Seguiam

a música e o caixão vermelho. Ninguém conseguiria dizer se estavam alegres ou tristes, e o bei Adil, desconfortável, recuou para o salão.

– Já deu uma volta pela cidade?

Era a persa, que o seguira.

– Até agora não vi nada.

– É um buraco!

Fitava-o nos olhos com as suas pupilas pretas, que eram aquilo que o turco vira de mais desaforado no mundo. Nunca o tinham examinado assim, como um objecto que se hesita em adquirir. E o pior é que ela deixava que se vissem as suas impressões no rosto. Percebia-se perfeitamente no que estava a pensar: *Não é bom nem mau, talvez um pouco pateta.*

Por fim, disse em voz alta:

– Como sabe, fomos condenados a viver juntos durante alguns meses, ou até anos. Somos seis ao todo, contando com John, da Standard, mas esse está sempre bêbedo. A propósito, querida, John não vem?

Toda a gente voltava para dentro, enquanto a fila do cortejo desaparecia ao fundo da rua. O ar continuava a vibrar. Reinava um calor pesado.

– Vai-se embora? – surpreendeu-se a Sra. Pendelli.

Pois o funcionário de Tiblíssi estava a despedir-se.

– Tenho comboio daqui a uma hora.

– E você? – continuou a italiana, dirigindo-se ao cônsul da Pérsia.

– Vai desculpar-me por um momento. Vou voltar. Tenho de conversar uma coisa com ele...

O bei Adil era, de facto, demasiado novo para assumir alguma parte na actividade que o rodeava. Viu-se com uma chávena de chá na mão, sentado numa poltrona, entre a italiana e a persa, enquanto, à frente dele, Pendelli soprava suavemente, pois era gordo e o calor incomodava-o.

O salão era grande, com tapetes, quadros nas paredes, móveis iguais aos de todos os salões. Na bandeja, havia sanduíches,

biscoitos e uma garrafa de vodca. A baía abria-se para o terraço inundado de sol e chegavam lufadas ardentes com um odor específico, uma ambiência de rua deserta.

A chávena da Sra. Pendelli tiniu ao tocar no pires, e Pendelli, com um suspiro, murmurou:

– Fala russo?

Isto parecia não se dirigir a ninguém, uma vez que ele olhava para as sanduíches, mas o bei Adil respondeu:

– Nem uma palavra.

– Melhor assim.

– Porque é que é melhor assim?

– Porque eles preferem os cônsules que não percebem russo. É sempre uma vantagem.

Pendelli falava com condescendência, como um homem que se considera muito bondoso por se dar a tantos trabalhos. A persa continuava o seu exame ao bei Adil. A Sra. Pendelli conservava um vago sorriso de dona de casa.

– Naturalmente, são os barcos que trazem a vossa farinha?

Ao bei Adil, pareceu que a música se aproximava de novo, mas desta vez atrás da casa. A persa continuava, no mesmo tom com que diria uma maldade:

– Nem toda a gente pode ser cônsul de Itália e ver chegar um cargueiro por semana! Sem contar que é uma distração jantar a bordo, receber os oficiais...

– É uma canseira – disse a Sra. Pendelli, servindo chá ao bei Adil.

Ora, este teve a infelicidade de perguntar:

– Nunca chegam navios turcos?

Pendelli agitou-se na sua poltrona. Mexeu-se sem objectivo, de uma forma quase imperceptível, mas era notório que ia dizer algo.

– Então existem navios turcos?

Não se estava a rir. Tinha os lábios entreabertos, as pálpebras semicerradas.

O bei Adil ainda não sabia o que ia acontecer, mas já estava com os olhos brilhantes, as bochechas mais quentes.

– Que quer dizer?

A Sra. Pendelli pôs dois torrões de açúcar na chávena. Pendelli assumia um ar bonacheirão.

– Não se zangue. Mas a ideia de um navio conduzido por um turco...

– Seremos selvagens, se calhar?

Aquilo desencadeara-se de repente. O bei Adil estava de pé. Já não via os objectos nem os rostos com a mesma nitidez.

– Claro que não! Sente-se. Já há quase dez anos que vocês não cortam cabeças...

A Sra. Pendelli sorria com condescendência.

– O seu chá, bei Adil.

– Obrigado, minha senhora.

– O meu marido está a brincar, posso garantir-lhe.

– É possível, mas eu não. Somos uma jovem república, sei disso. Provavelmente, mantemos alguns modos desajeitados, mas...

– Mas querem que vos tratemos como a maior nação do mundo!

Já ninguém conseguiria dizer como é que aquilo começara. O cônsul da Pérsia voltara silenciosamente.

– Venha aqui, Amar! O nosso novo amigo não percebe uma brincadeira e fica divertido como ninguém quando se zanga. A propósito, bei Adil, costuma jogar brídege?

– Não.

Acrescentou, duramente:

– É um jogo demasiado refinado para um turco!

A Sra. Pendelli quis acalmá-lo:

– Juro que o meu marido...

– O seu marido acha que só existe a Itália no mundo! Continua a imaginar a Turquia com haréns, eunucos, cimitarras e fezes vermelhos!

– Que idade tem? – perguntou a persa, a sorrir.

E ele, sempre rancoroso:

– Trinta e dois anos. Bati-me pelo meu país nos Dardanelos, depois pela República na Ásia Menor. Nunca permitirei que, à minha frente...

– Onde é que nasceu? – questionou Pendelli, que acabava de acender um novo cigarro.

– Na Tessalónica.

– Isso já não é Turquia. Parece que os gregos fizeram dela uma bela cidade...

O bei Adil sufocava. Esqueceu-se de que lado ficava a porta e foi a direito contra um armário embutido. A Sra. Amar não conseguiu conter uma gargalhada e ele olhou para ela tão furiosamente que ela teve de enxugar os olhos com o lenço.

Até chegar à rua, o bei Adil manteve-se inconsciente. Mal reparou na Sra. Pendelli, que o seguia e que, no corredor, lhe pôs uma mão no ombro dizendo-lhe com um beicinho:

– Não leve a sério tudo o que o meu marido diz. Ele gosta de implicar.

Ele pegou no chapéu e mergulhou no sol. As ruas estavam tão quentes como um forno. Durante um bom quarto de hora, caminhou ao acaso, sem ver nada, remoendo o seu rancor. Depois, tentou reconstituir as fases sucessivas da discussão. Era impossível. Em contrapartida, revia imagens, sobretudo Pendelli, pesado, gordo, espojado na poltrona e a fumar os seus ridículos cigarros de senhora. Não transpirava orgulho? Tinha uma bela casa com um terraço, um salão e até um piano de cauda, no qual a mulher devia tocar. Servia sanduíches refinadas, como na Europa. Tinha pão branco.

– E considera os persas infrequentáveis – disse o bei Adil a meia-voz.

Também ele, no fundo. Não gostava dos persas. A Sra. Amar irritara-o com a sua forma insolente de o examinar da cabeça aos pés. Quanto ao cônsul, nada dissera. Era magro,

insignificante, com um pequeno bigode castanho, um fato mal cortado e sapatos envernizados.

– Fizeram de propósito para me receber assim!

Era o dia de descanso, o qual, na Rússia, sucede a cinco dias de trabalho. À medida que se aproximava do porto, o bei Adil cruzava-se com gente a caminhar ao longo das ruas e, a pouco e pouco, apesar da raiva, começou a olhar à sua volta.

Mas eram sobretudo os outros que olhavam para ele. Ao passar, todos se viravam e seguiam-no durante bastante tempo com os olhos. Que tinha ele de extraordinário?

O céu ficava mais vermelho, as sombras mais azuis. Deviam ser pelo menos oito da noite. Toda a cidade, em suma, escoava no cais, e uma sensação de vida tumultuosa sucedia à impressão de vazio que se manifestava ao longo das ruas. Havia ainda música nalgum lado. Um barco acabava de chegar de Odessa. Centenas de pessoas desembarcavam e outras centenas viam-nas passar. O céu e o mar estavam púrpuras. Mastros desenhavam-se a negro. As barcas oscilavam sem um som.

E homens e mulheres sem fim roçavam-se no bei Adil, observavam-no sem vergonha. Havia até rapazes que o seguiam para o conseguirem ver melhor.

Por momentos, esquecia o cônsul de Itália e procurava situar-se no espaço. À direita e à esquerda da baía, o horizonte era fechado por montanhas, e ao fundo havia esse longo cais que as pessoas percorriam em multidões. Na própria baía, barcos, sete ou oito, talvez mais, eram envidrados pela água calma.

Quanto à cidade, atrás do porto, formava-se de ruelas, até ao infinito, mal pavimentadas ou não pavimentadas de todo, bordejadas por casas deterioradas.

O bei Adil tinha sede. Viu uma espécie de taberna à beira da água e sentou-se a uma mesa. Um empregado circulava,

servia cerveja e limonadas. Pagava-se com rublos de papel, e o bei Adil pensou que ainda não tinha dinheiro russo e foi-se embora.

Os candeeiros de rua acendiam-se, bem como as luzes verdes e vermelhas dos navios ancorados.

Marinheiros italianos passavam na companhia de mulheres de chinelos. O homem da bicicleta passeava calmamente em cima da sua máquina e instalara uma rapariga no quadro. Por causa da multidão, andava aos ziguezagues.

O ar estava fresco. Uma fina névoa descia sobre o sopé das montanhas.

A música tornou-se mais forte, como no momento em que o funeral desembocara na rua, mas já não era o funeral.

Havia uma grande casa nova perfurada por numerosas janelas. Portas e janelas estavam abertas. Rapazes e raparigas encontravam-se sentados nas soleiras e no interior distinguiam-se guirlandas em papel, retratos de Lenine e de Estaline, cartazes de propaganda.

Era essa a casa que fazia a música vibrar enquanto, numa das divisões do rés-do-chão, com paredes cobertas de gráficos, homens sem casaco ouviam um camarada falar e bater com o punho na mesa.

Não foi apenas por causa da música que aquilo lhe lembrou o funeral. Havia ali algo de comum na atitude das pessoas, tanto daquelas que seguiam o caixão como das que estavam às janelas ou das que escutavam o orador, qualquer coisa que fazia o bei Adil pensar que nunca conseguiria compreender o que era.

Mas o quê? Não era tanto a sua roupa que evocava uma confraria ou um clube para a juventude. A maior parte estava vestida de branco, com o colarinho da camisa aberto. Muitos dos crânios estavam rapados. As mulheres não usavam colãs, mas o mais das vezes pequenas meias enroladas nos tornozelos, e os seus vestidos eram de algodão claro.

Porque lhe eram essas pessoas todas tão estranhas, mesmo as da rua, que rondavam a estátua de Lenine, um Lenine de bronze, baixo, curvado sobre si mesmo, de calças largas, de pés assentes numa bola que representava o mundo? Era violento o contraste entre o homem negro, tão pequeno, e aqueles rapagões, aquelas raparigas vestidas de cores claras que passavam e tornavam a passar e que desatavam a rir quando olhavam para o bei Adil.

– Como é que começou a discussão? – questionou-se uma vez mais.

Estava triste, agora. Sentia-se sozinho. Fikret, o funcionário que assegurara o íterim, regressara a Tiblissi, e, além disso, não era nada simpático. Fora a contragosto que recebera o cônsul.

– Encontrará todas as coisas no estado em que eu próprio as encontrei há um mês, quando morreu o seu antecessor – dissera ele.

– Morreu de quê?

O funcionário não tinha vontade de falar.

– A secretária vem amanhã de manhã. Ela está ao corrente. Claro que é uma russa.

– Devo desconfiar dela?

O seu interlocutor encolhera os ombros. Não devia ele ter dado algumas explicações, como se faz entre pessoas do mesmo país? E também ter ajudado o bei Adil na organização da sua vida material?

Apercebeu-se de repente que nem sequer sabia onde podia comer! Lembrava-se de ter avistado uma serviçal na cozinha, e também um homem cujas funções ignorava. Seriam os seus empregados domésticos?

A quem poderia dirigir-se, agora? Entrara em desavença com os italianos e provavelmente, em simultâneo, com os persas.

Continuava a seguir a multidão, da estátua de Lenine até à refinaria de petróleo. Junto ao porto de pesca, havia algumas

casas novas rodeadas por terrenos baldios, e, aí, sentavam-se ou deitavam-se homens, mulheres e crianças. Não eram as mesmas pessoas do funeral, nem da casa grande, nem mesmo da multidão em movimento. Estavam sujos e abatidos. O bebi Adil ouviu falar em turco e constatou que era gente miserável, andrajosamente vestida, espojada na poeira como se fossem vagabundos.

Havia passado por eles, mas deu meia-volta e, de pé, mais perto, perguntou:

– Vocês são turcos?

Levantaram-se umas cabeças, indiferentes. Olharam-no de cima a baixo. Depois, com a mesma lentidão, as caras desviaram-se. No entanto, essa gente falava a sua língua!

Devia estar com um ar estúpido, de pé no meio deles, e sentiu ao mesmo tempo vergonha e raiva.

Seis ou sete vezes, pelo menos, percorrera o cais de ponta a ponta. A multidão tornava-se menos compacta. Pouco passava das dez da noite. Num canto, estavam algumas mulheres, e uma delas deu dois passos para que ele a notasse ao passar, depois voltou a juntar-se às outras.

A Sra. Pendelli deve ser mais inteligente do que o marido, pensou ele.

Mas de que lhe servia isso? Ela já não o podia auxiliar em nada. Voltou a ver todas as janelas guarnecidas de rapazes e de raparigas. Durante alguns minutos, caminhou no meio de uma nuvem de música.

Questionava-se de que é que o seu antecessor teria morrido. Quem era ele? Que idade tinha?

Enganou-se duas vezes no caminho, querendo regressar ao consulado. As ruas assemelhavam-se, com a calçada encovada pelas chuvas e pelas águas sujas, os montes de pedras ao abandono, as portas abertas para átrios obscuros.

Por fim, reconheceu a casa cujo primeiro andar ocupava. As escadas não estavam iluminadas. Esbarrou num casal enlaçado e balbuciou umas desculpas.

Tinha uma chave. Logo aos primeiros passos, percebeu que o apartamento estava vazio e isso provocou-lhe uma sensação estranha. No consulado de Itália, falava-se relaxadamente no salão iluminado, em torno de sanduíches e de copos de vodca. O perfume da Sra. Amar fora suficiente para impregnar a atmosfera de feminilidade.

– Está aí alguém?... – bramiu na escuridão, à procura do interruptor eléctrico.

De uma lâmpada sem abajur caiu uma luz triste e ele viu o vestíbulo, com os seus dois bancos, as suas paredes ornadas de participações oficiais, o seu odor a miséria.

A divisão seguinte era o escritório. Depois, à esquerda, havia uma espécie de sala de jantar. Uma mesinha de pé-de-galo atraiu-lhe a atenção, não soube de imediato porquê.

A seguir, veio-lhe a lembrança. De manhã, avistara, nesse lugar, um fonógrafo e alguns discos. Ora, o fonógrafo desaparecera. Desaparecera também o tapete turco que cobria o divã!

– Não está aí ninguém? – repetiu, numa voz pouco segura.

Ninguém, nem no quarto, nem na cozinha, onde uma torneira se erguia por cima de uma pia suja.

Estava tudo sujo, as paredes, os tectos, os móveis, os papéis, sujo de uma sujidade lúgubre que se encontra nas casernas e em certas administrações. Em cima das bandejas do aparador, nada havia para comer, e os pratos do almoço não estavam lavados.

– Mas também porque é que ele teimou em desprezar assim a Turquia? – resmungou enquanto procurava um sítio para se sentar.

Tornava a visualizar a bonita mão da Sra. Pendelli, segurando na pinça do açúcar por cima da chávena. Estava muito bem arranjada, a Sra. Pendelli. O seu vestido de seda azul evidenciava-lhe as linhas cheias, pois era carnuda. Carnudos também os lábios, que revelavam uns dentes branquíssimos.

Mas sobretudo, movimentava-se no salão com um à-vontade de mulher mundana.

— Não é como aquela escurinha da persa!

Uma pequena descarada, de carne rija como uma azeitona, que devia atirar-se ao pescoço de tudo o que era homem!

O bei Adil nem sequer sabia onde era a cama. Não lhe haviam dado tempo para desfazer as malas. Bebeu água da torneira e achou-a com um sabor farmacêutico.

Alguém dava passos no andar de cima. Olhou pela janela e viu gente de cotovelos apoiados na janela defronte, no escuro da noite, a apanhar ar fresco, sem dizer nada.

Como não havia cortinas no consulado, conseguiam ver tudo o que o bei Adil fazia. Havia cortinas, de manhã? Não havia meio de se lembrar. E tentava instalar-se nalgum lugar quando todas as lâmpadas se extinguíram em simultâneo, não apenas no apartamento, mas na rua inteira.

O casal da frente continuava debruçado à janela, e não se lhe detectara qualquer movimento. O bei Adil, aliás, acabou por distinguir o branco da camisa do homem, depois a mancha leitosa dos rostos.

As lâmpadas não tornaram a acender-se. Não era uma avaria, mas a corrente de electricidade, que era sempre cortada à meia-noite. Ouviam-se passos numa rua próxima. Um animal vociferava, um gato ou um cão.

Estaria também o consulado de Itália sem corrente eléctrica? Nesse caso, pelo menos, teriam lamparinas a postos! O bei Adil, que não fumava, não tinha sequer fósforos!

Desolado, olhava à volta enquanto um halo vago impregnava, a pouco e pouco, a escuridão, vindo do céu, onde vagueavam nuvens brancas.

Só lhe restava dormir. Deitou-se completamente vestido no divã, sobressaltou-se quando um raio de luar o atingiu. Teria adormecido, entretanto? Não conseguia dizer. Correu à janela. Procurou a janela defronte e começou por encontrar

nela um ponto brilhante, o de um cigarro, depois uma manga de camisa, um braço dobrado, a cabeça de um homem e, muito perto, a mulher, que deixara que os cabelos se espalhassem sobre os ombros.

O luar infiltrava-se na própria sombra e, atrás do casal, o bei Adil adivinhou o rectângulo branco de uma cama.

Estão a ver-me, pensou. É impossível não me estarem a ver!

Por pura bravata, colou a cabeça ao vidro, sem se questionar se, com o nariz assim esborrachado, ficava ameaçador ou cómico.

No final dos anos 1920, o bei Adil chega à cidade portuária de Batúmi, no mar Negro, para exercer funções de cônsul da Turquia. Na cidade, parte da recém-formada URSS, vive-se um ambiente sufocante de permanente vigilância, e o novo cônsul tem dificuldade em relacionar-se quer com a população local, hostil e faminta, cuja língua não compreende, quer com os outros diplomatas estrangeiros, que o tratam com sobrançeria. Desmotivado com o seu trabalho e a incompreensível burocracia de Estado, o seu único interesse e fonte de obsessão é Sonia, a sua jovem secretária e intérprete, que pretende conquistar, mesmo desconfiando de que esta tem por missão espiá-lo.

As Janelas Defronte é o aclamado «romance russo» de Georges Simenon. Publicado em 1933, quando a natureza do regime estalinista era ainda desconhecida no Ocidente, este famoso *roman dur*, sem preocupações ideológicas, consegue captar com precisão visionária a atmosfera de medo e repressão vivida nesse período.

«Os seus livros são obras-primas
extraordinárias do século xx.»

John Banville

«O mais viciante dos escritores.»


Observer



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [cavalodeferro](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-583-639-0



9 789895 836390